



POVO ALGARVIO

Director, Editor e Proprietário:
Manuel Virginio Pires

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Redacção e Administração — Rua Dr. Parreira, 13 — Telefone 127 — TAVIRA — Composição Impressão — Tipografia «Povo Algarvio» Telef. 266 — TAVIRA

Biblioteca Nacional
Serviço de Depósito Legal
L I S B O A - 2

NINGUÉM ESQUECERÁ

DAS muitas e conceituosas afirmações que o Chefe de Estado fez durante a sua visita às terras de Moçambique e na capital de Angola, todas elas impregnadas de vivo amor patriótico e daquele convincente tom de conselho que a alta Magistratura do Almirante Américo Tomás, acredita superiormente, uma há que sobre todas as outras merece ser salientada.

Refiro-me às palavras com que finalizou o brinde que proferiu no banquete do Palácio do Comércio, de Luanda, e que a seguir transcrevo:

«Neste momento em que estou novamente quase a deixar Angola, sinto ser minha obrigação erguer a minha taça por esta terra que tão bem soube defender-se dos inimigos que há



três anos investiram contra a sua integridade. Bebo por esta Angola que nenhum português pode esquecer, por esta Angola que a resolução de um ho-

mem salvou numa época difícil — um homem que viu o problema melhor do que qualquer outro, mas que teve em todos os portugueses elementos de acção que o completaram.

Foi, graças a esse conjunto, possível salvar esta querida terra e estou certo de que ela terá sido salva para todo o sempre, porque o exemplo de há três anos é exemplo que não pode ser esquecido.

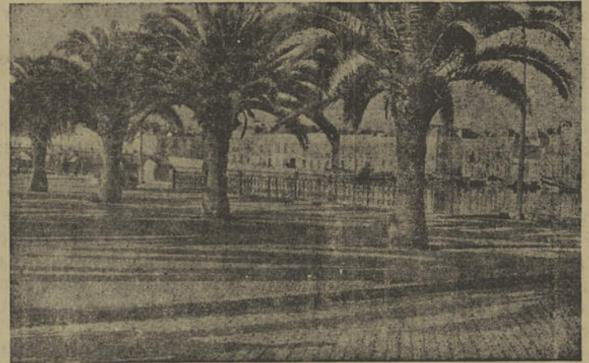
Creio que ninguém o terá esquecido. Creio que ninguém o esquecerá jamais».

Continua na 3.ª página

O SR. DR. JOAQUIM ROMÃO DUARTE ASSUMIU AS FUNÇÕES DE GOVERNADOR CIVIL DE FARO

No passado dia 18 foi no Ministério do Interior empossado pelo titular daquela pasta do cargo de Governador Civil de Faro, o sr. Dr. Joaquim Romão Duarte, que no decorrer do seu discurso afirmou: «Ocuparei o meu posto, como trinta anos mais novo o faria na frente que me fosse destinada, em Angola ou na Guiné».

Continua na 2.ª página



TAVIRA — Um lindo aspecto do passeio junto ao Jardim Público, que tem servido de cenário às deslumbrantes Festas da Cidade.

O Programa Oficial das Grandes Festas de TAVIRA

TERMINA NO PRÓXIMO DOMINGO APOTÉOTICAMENTE COM A BATALHA DE FLORES NOCTURNA

AS Grandes Festas da Misericórdia de Tavira que têm decorrido num ambiente de arte e alegria terminam no próximo domingo apoteoticamente com o excelente número da Batalha de Flores Nocturna.

Lindas e feéricas iluminações e interessantes standes no jar-

dim público deram extraordinário realce a este 5.º ano das festas.

A Canção de Tavira, inspiração primorosa do maestro Frederico Valério, maravilhosamente cantada por essa genial artista que é Maria Clara e executada por uma orquestra composta por artistas de mérito, fez vibrar o público que enchia o vasto recinto, que aplaudiu freneticamente.

Não faltou a presença desse grande artista amador teatral que é João Pires, para em clara e vibrante locução aplaudir e elogiar a iniciativa dos tavi-
renses.

Os «Gatos Negros» e o conjunto de Melo Junior, marcaram com distinção a sua alegre e artística presença.

As serenatas no Gilão e o desfile de barcos alegóricos, foi também um dos grandes números do programa. Só Tavira, dadas as suas excepcionais condições, pode apresentar um espectáculo de tão rara beleza.

A ornamentação dos barcos
Continua na 2.ª página

Volta a Portugal em Bicicleta

Tem sido brilhante a actuação do ciclista taviense Jorge Corvo nesta 27.ª Volta a Portugal em bicicleta pois apesar dos azares que o têm perseguido, conseguiu neste momento, depois de uma reacção guindar-se ao 3.º lugar da classificação geral.

Não fazemos vaticínios quanto aos resultados das finais desejando muitas felicidades ao campeão Jorge Corvo que tão brilhantemente tem honrado o ciclismo português.

TAVIRA A MAIS BELA

ADORNADA e linda, Tavira está em festa. Oásis em formosura, esta cidade do Algarve é uma das

FOR
Maria Leonor

mais lindas!
Sem desprimor para nenhuma, porque todas são lindas; mas esta, a nossa, o nosso berço querido, suplanta todos os lugares do mundo!

Porque vos admirais desta expressão se ela é a explosão
Continua na 2.ª página

Canção de Tavira

Música de Frederico Valério
Cantada pela artista Maria Clara

Velha Tavira
Que se remira
No manso rio,
Vé acenar
A serra ao mar
Num desafio.

Vozes de sinos,
Cânticos de hinos
Andam no ar,
Cidade antiga
Que uma cantiga
Anda a embalar.

Refrain

Tavira
Ouve murmurar as fontes,
Cheira a azeite dos montes,
Tem barquinhos no Gilão,
Tavira
Oh! terra de maravilha!
Tem seu tesouro na ilha
Nos dias calmos de Verão.

Altars e talhas,
Velhas muralhas;
Recorte belo,
Ponte romana
Crente e profana
E alto Castelo

Sino de ermida
Na torre erguida
E a chaminé,
Chamas vividas
Imagens vivas
De amor e fé.

VIRGINIO PIRES

NEM SÓ DE SOL VIVE O TURISTA

(Por Dutra Faria, director executivo da ANI) — Em julho do ano passado estiveram em Portugal 9 190 norte-americanos; em julho último, 13 438. Mas o aumento, quanto aos turistas ingleses, foi ainda mais espectacular: 6 276 em julho de 1963, 19 427 em julho de 1964.

Portugal, entretanto, apetrecha-se para a grande batelha do turismo: estão presentemente em construção 32 hotéis com um total de 2 067 quartos e outros hotéis, cujas plantas foram já oficialmente aprovadas, totalizam 5 230 quartos, segundo uma elucidativa exposição de gráficos e de maquetas há dias inaugurada no Palácio Foz pelo subsecretário de Estado da Presidência do Conselho, dr. Paulo Rodrigues.

Acresce que os hotéis em construção e os já projectados não se situam apenas em Lisboa e na Costa do Sol, onde em todo o caso não há presentemente (mas não

Continua na 2.ª página

O QUE VALE, É QUE A CARAVANA PASSA!

HÁ poucos dias, e isto por duas vezes, ao sintonizarmos o rádio receptor, escutámos a estação da BBC, de

FOR
J. Rebelo

Londres, falando para Portugal.

Ora as falas que então botava, quer numa vez a locutora, quer da outra o locutor, não eram falas, que a nós portugueses, da velha guarda e tempera, interessassem.

Assim, e isto falando na língua de Camões, e para Portugal, diziam, que certo jornalista que havia estado em África, afirmava, que vira no Congo ex-belga, mais católicos, dos que encontrara em Moçambique e Angola; que esperava ver mais do que vira,

no Mundo que os Portugueses criaram; acabando por dizer, que se Portugal de antanho, quisera estar debaixo do jugo castelhano, como poderia agora desejar que Angola e Moçambique não fossem independentes? Mas que santa ignorância e que comparações tão

Continua na 2.ª página

O QUE OS ESTRANGEIROS DIZEM DO ALGARVE

«É fantástico o vosso País... Passei duas semanas na Praia de Albufeira... Duas semanas que não esquecerei nunca».

Foi com estas palavras que, no Aeroporto de Lisboa, o cantor norte-americano Cliff Richard se despediu de Portugal, momentos antes de tomar o avião para Londres. (A.N.I.)

UMA SUGESTÃO

ESTIVE em Tavira, na noite do dia dezasseis, assistindo às suas Festas. Assisti e gostei, até... dos «gatos» frenéticos que proliferaram, no palco e fora dele.

Mas nestas «coisas» de música, de cantares e de dançares, já estou ultrapassado, como há tempos me fez notar uma morena de... 14 anos... E dei razão à simpática moreninha.

Efectivamente, na minha juventude tais coisas eram diferentes. Tempos que já lá vão...

Contudo, antes destas lucubrações e «visões», da referida noite de 16 de Agosto, assistí, também e talvez para termo de comparação, à exibição brilhante, de verdadeira gama pelo seu porte donairoso, fino e atraente, da grande artista que se chama Maria Clara, e, com a dela, à da orquestra regida pelo maestro Frederico Valério.

Continua na 2.ª página

CASA DOS PESCADORES DE TAVIRA

No dia 20 do corrente mês, assumiu as funções de Presidente da Direcção da Casa dos Pescadores de Tavira, o sr. Capitão-Tenente Luis Fernando de Vasconcelos Pequeto Cortês Pimentel, oficial muito distinto da nossa Marinha de Guerra e Capitão do Porto desta cidade.

O acto de posse realizou-se na Sala das Sessões daquele organismo Corporativo e teve a assistência do Delegado da Junta Central das Casas dos Pescadores, 1.º Tenente da Administração Naval sr. João de Deus Pires Carochio.

Apontamentos para o Museu de Arte Sacra

PINTURA SACRA EM TAVIRA (13)

27 e 28 — *Quadros da Sacristia de S. Paulo*. É assim que estão designados no meu «dossier», porque...

Mas agora aqui tem de entrar a história destes quadros e associada à dos da ermida de S. Pedro, que hão-de constituir uma das preciosidades do Museu de Arte Sacra.

Nas férias grandes de 1945, visitei Tavira, no prosseguimento da missão de que me incumbira a então Junta de Província do Algarve — organização do Inventário artístico sacro da província. Foi nessa ocasião que descobri uns e outros e os anotei nos meus apontamentos, oficializado, por assim dizer, a sua existência no relatório que enviei à Junta em 27 de Novembro de 1946 e deve existir nos seus arquivos.

Podendo ocupar-me dos assuntos de Arte Sacra apenas nos intervalos das minhas funções profissionais e tendo de atender a todas as espécies artísticas de todo o Algarve, os quadros ficaram esperando no meu subconsciente as condições favoráveis para passar ao campo da atenção. Estas condições realizaram-se numa das vezes em que permaneci em Faro o meu saudoso amigo, Pintor Alberto Souza, em 1949.

Fizemos nesse ano um «raid artístico», como lhe chamávamos, Luz de Tavira, Tavira, Castro Marim, Odeleite, Alcoutim.

Porque, evidentemente, não há ninguém entendido em todos os ramos da Arte (e eu menos que ninguém), tenho procurado ouvir sempre os pareceres dos especialistas em tudo o que não seja a especialidade a que me dediquei, e até nessa em que me considero eterno aprendiz. Por isso levei o querido Mestre às igrejas de S. Paulo e de S. Pedro para lhe mostrar os quadros. Ficou maravilhado (foi a palavra que logo escrevi no meu dossier) e logo me aconselhou a assinalar a descoberta, fornecendo-me alguns dados técnicos para o fazer.

Efectivamente, em Agosto de 1949, preparei um longo artigo, que saiu na página «Letras e Artes» do diário «Novidades» de Lisboa, e foi transcrito integralmente pelo «Correio do Sul» de Faro, em 8 de Setembro e pelo «Povo Algarvio», em 11 do mesmo mês. Nesse artigo, que foi elogiado por pessoas competentes, anunciava a descoberta dos quadros, fazia a sua descrição minuciosa, apontava as determinações e insinuava a necessidade de restauro.

Em 17 de Agosto, enviei exemplares das «Novidades» com o artigo, acompanhados de uma série de fotografias, ao sr. Dr. João Couto, então Director do Museu Nacional de Arte Antiga, que, em officio de 22 do referido mês, me acusou a recepção com estas expressões que deixo frisar: «...obras de muito merecimento, cuja descoberta e revelação a V. se devem».

Também escrevi e enviei o artigo ao sr. Dr. Reynaldo dos Santos, que às suas autorizadas e judiciosas observações acrescentou a afirmação de que «para o inventário da pintura quincentista o artigo de V. traz uma contribuição importante sobretudo dada a penúria de pintura de valor no Algarve.» (Permite-me sublinhar as duas palavras que mais me interessam).

Entretanto, várias pessoas se entusiasmaram pelos quadros, entre elas o Presidente da Junta de Província, Dr. José Correia do Nascimento, que patrocinou as investigações; o sr. José Amândio Guerreiro Correia, grande amator de pintura antiga que foi comigo a Tavira ver os quadros e depois havia de ter grande actividade em seu favor; o Dr. João Eusébio Morgado Reis, que levou o caso ao conhecimento do Professor Luís Reis Santos; e, como não podia deixar de ser, o Prior da freguesia, Padre António Patrício, que estava um pouco «entre a espada e a parede» — entre o seu amor à Arte e o seu prudente receio (já se têm visto muitas coisas...)

A este último escrevi, em 12 de Outubro, expondo-lhe o assunto e oferecendo-lhe a colaboração da Junta de Província. Afirmava-lhe: «É claro que anda à frente de tudo isto o princípio de que a propriedade dos quadros e a permanência deles no Algarve em Tavira devem ser respeitadas».

CONTINUA

Álvaro Pais

Uma sugestão

Continuação da 1.ª página

Ouvi e apreciei a voz da artista, cantando a «Canção de Tavira», em plena conjugação com o brilho do poema e com a beleza da música, aquele da autoria de Manuel Virgínio Pires, e esta «filha» de Frederico Valério; ouvi e apreciei, cantado por uma e musicado por outro, «A mesa do cantor», além de outros números a que Maria Clara emprestou, sempre, toda a sua arte inconfundível, tal como o conhecido «De cá para lá».

Por outro lado, admirei as iluminações e entre elas a dos arcos da ponte.

Não cito os nomes daqueles que, de perto ou longe, influíram ou contribuíram para o brilho dessas iluminações, por uma razão fundamental: — é que ao citá-los — o que ficaria bem — poderia omitir, por esquecimento ou desconhecimento, muitos outros, o que, aliás, normalmente sucede, mas que pareceria mal.

E, já que falei na iluminação dos arcos da ponte, resolvi sugerir o seguinte: — manter-se, para sempre, essa iluminação que não duraria apenas o curto período das Festas.

Não sei se isto será viável. Não sou técnico em electrici-

dade e desconheço, por completo, os encargos que daí adviriam para a Câmara Municipal.

No entanto, aqui fica a sugestão, razão única deste despretencioso artigo.

Já no «Povo Algarvio» foi sugerida, e muito bem, a iluminação de alguns monumentos da nossa cidade, à semelhança do que sucede, por exemplo, em Leiria com o seu Castelo, e em Santiago do Cacém com a sua igreja, não contando com Lisboa e o seu Castelo de S. Jorge.

A apontada sugestão junto agora a minha, abrindo conclusão, para decidir, ao meu particular Amigo Dr. Jorge Correia, sempre apaixonado pela sua terra e defensor de tudo quanto possa fazer realçar a sua reconhecida beleza.

N. C. T.

EXPOSIÇÃO DE PINTURA EM SILVES

No passado dia 21 do corrente, inaugurou a sua exposição de pintura, no salão nobre da Câmara Municipal de Silves, o grande artista angolano Albano Neves e Sousa, que apresenta excelentes exemplares.

Ao acto assistiram as entidades oficiais da cidade, sendo o artista muito felicitado pela assistência,

Nem só de sol vive o Turista

Continuação da 1.ª página

nos podemos esquecer de que estamos em Agosto, «o mês dos franceses» um só quarto vago. No Funchal, por exemplo, está a construir-se um hotel com 62 quartos e em Angra do Heroísmo outro, este com 48 quartos. Mas estão igualmente a construir-se hotéis no Porto, em Braga, em Coimbra, em Évora, em Setúbal, em Viana do Castelo, em Vila Real e, por último, só no Algarve nove, com 733 quartos.

Acresce que o turista demonstra cada vez mais a tendência para vir a Portugal também na primavera e até no inverno — não apenas nos meses de verão.

Dá-nos uma ideia das preferências dos turistas e do seu crescente afluxo o quadro seguinte:

| | 1963 | 1964 |
|---------------------|--------|---------|
| Janeiro | 16.532 | 19.049 |
| Fevereiro | 18.340 | 19.340 |
| Março | 25.624 | 42.091 |
| Abril | 40.421 | 65.012 |
| Maió | 44.513 | 81.198 |
| Junho | 50.114 | 81.789 |
| Julho | 71.519 | 129.029 |

Prova este quadro, por um lado, que teremos de andar rapidamente, se quisermos que a galinha de ovos de ouro não vá, por falta de caçoiras adequadas pô-los a outros ninhos. E prova, por outro lado, que temos de nos defender incessantemente, na ansia de fazer depressa, contra o perigo para a estandardização e para o funcional, com prejuízo, porventura irreparável, do que entre nós o estrangeiro encontra de pitoresco e característico — de genuinamente pitoresco e de autenticamente característico. Porque o turista não vem a Portugal comprar apenas um pouco de sol e de azul; também o atrai um país que o progresso ainda não descaracterizou por completo, que mantém ainda quase intactas a sua individualidade e a sua fisionomia próprias.

Ingrid ou Pierre, Simone ou Axel gostam de se doirar ao sol de Peniche ou da Ericeira, mas também gostam de comer sardinhas assadas com pimentos numa tasca de pescadores e de ir de burro a alguma romaria próxima: nem só de «palaces» e de piscinas vive o turista, esse «monstro, filho da curiosidade», como alguém lhe chamou.

Festas de Tavira

(Continuação da 1.ª Página)

e a vistosa iluminação do Gilão que muito contribuíram para o êxito deste lindo número, fizeram viver alguns momentos de verdadeiro enlevo a quantos nessa calma noite de Agosto se abeiraram do Gilão, sobre o qual um luar de prata derramava a sua luz poética marcando assim a sua presença amiga no cortejo que desfilava sobre as mansas águas e que Tavira, a eterna noiva do mar, assistiu enbevecida do seu varandim de sonhos.

Belo cenário que perdurará na imaginação de muitos.

Aqui nos quedamos por imperativo da composição e impressão do jornal, no desfiar embora fugaz das nossas apreciações sobre as festas, o que prometemos continuar no próximo número.

Tudo isto que os tavirenses e turistas nacionais e estrangeiros presenciaram é fruto de muito trabalho e sobretudo da boa vontade e inextinguível bairrismo dos naturais e da colaboração de alguns amigos de Tavira.

Oxalá que essa boa vontade não esmoreça para que nos anos futuros elas se revistam ainda de maior brilho.

Sempre defendemos a ideia de que Tavira deveria manter a bela tradição das suas festas anuais que muito contribuem para o seu prestígio turístico e até servem de pretexto para muitos tavirenses ausentes virem matar saudades.

CORRESPONDENTES

para o

«POVO ALGARVIO»

A fim de reorganizar a sua rede de correspondentes no Algarve, o «Povo Algarvio» aceita indicações de nomes para as diversas localidades da província onde não tenha ainda correspondentes.

O que vale é que a caravana passa!

Continuação da 1.ª página

fracas de espírito, senhores! — Lá que fosse aquela a opinião dum jornalista despeitado, nós não duvidamos; o que é de duvidar é que a BBC, não arranjasse melhor programa para nos dar a nós, e que fosse ela a falar, como se tal fosse verdade, e se tais falatórios fossem para nós de qualquer interesse.

Mas burrice puxa burrice, agora na semana passada, julgando que tal estação andasse melhor informada, caímos na asneira de a escutar. E então nem dormimos nessa noite, com a miséria de falas que dali saíam. E diziam, que Portugal não pensasse que ganharia alguma coisa com a entrada de Tchombé para o poder. Ele devia ser partidário sim, daqueles que não desejavam o colonialismo. E que os revoltados angolanos que se encontravam nos campos de ireino, no Congo, desejavam, e toda a forma, a independência de Angola.

Vejam bem caros leitores, que na BBC, não se sabe quem são os terroristas, que se treinam no Congo e também desconhecem onde lhes vem a massa e as armas. Já é necessário ser-se cego, surdo, mas ter boa língua para se dizerem mentiras que não favorecem o seu velho aliado. Aquele que sempre o serviu, quando o leão dele necessitou. Há até um mal entendido entre os africanos e nós portugueses, por termos deixado que eles, os ingleses, desembarcassem no nosso território de Moçambique, para atacar os boeres e poderem ter estado, como estiveram, alguns anos governando aqueles Povos.

Nós sabemos bem o que daí aos amigos (?) ingleses! — Portugal, para bem do Mundo, ainda se mantém em África! — Também é um facto que fomos nós que criamos o mestiço, como se diz; mas é também certo que sempre, mas sempre, tratamos o preto com o coração nas mãos e de igual para igual. Agora há bem pouco tempo, é que se vêm fotos de governante que dançam e se abeiram dos homens de cor. Mas agora, mesmo com isso tudo, já é tarde! — Diz o velho rifão; tarde piaste, meu amigo; tem paciência, e agora resigna-te. Mas para os amigos da BBC, uma local, vinda a lume; não pela boca dos nossos jornalistas, mas sim da boca da ANI, — «Holden Roberto artífice da desordem e chefe de assassinos. — Segundo a «Presence Congolaise», de Léopoldville. Léopoldville, 4 — Quanto ao sr. Holden Roberto, temos de confessar que o chefe da U. P. A. é um artífice da desordem. Sob os ordens do sr. Holden, os seus selváticos adeptos assassinaam todo o angolano que não adere ao seu partido, e fazem isto desde 15 de Março de 1961 até hoje. Ou o seu ex-general Markos Kasanga não confirmou, numa conferência de imprensa em 1961, ter assistido à execução de oito mil angolanos inocentes? Ninguém pode atravessar a fronteira sem a carta de membro da U. P. A. como passaporte. Quem não trouxer esse documento é logo executado sem qualquer espécie de processo ou de julgamento. Além de que o reconhecimento (pelo governo de Léopoldville) do G. R. A. E. (Governo Revolucionário de Angola no Exílio) é utilizado por Holden para proceder a detenções arbitrarias de todos os que se lhe opõem e que são atirados para os cárceres privados desse usurpador. O jornal conclui, perguntado até quando Holden Roberto terá a coragem de abusar assim da confiança do governo congolês».

Amigos locutores da BBC, termina aqui a transcrição da local. Olhem que não foram portugueses que fizeram a notícia! Leiam-na bem e meditem. Ela é bem clara em não dizer que são angolanos os acaudilhados pelo inglês Holden.

Mas meus Amiguinhos (?) vou-lhes transcrever outra local publicada com data de 12 do corrente e também vinda do Congo. «Revoltaram-se em Kinkugu os terroristas de Holden Roberto. eclodiram incidentes na base das forças revolucionárias no campo de Kinkugu (região de Bacongo) — anunciou um comunicado publicado nesta cidade. Os soldados do G. P. R. A. (Holden Roberto) amotinaram-se e incendiaram a base. O Governo congolês, indicam em Léopoldville — tomou as medidas para que a revolta, a quinta depois da presença desses soldados no Congo, não cause danos às populações vizinhas.» Mais comentários? Não valerá a pena, pois para bom entendedor, meia palavra basta. É claro que muito teríamos ainda para dizer! Para finalizar, pedimos aos Srs. da BBC, que ali chamem o jornalista Leslie Beilby, do Daily Telegraph, de Londres que andou agora por terras portuguesas de Moçambique, acompanhando o Senhor Presidente da República, na sua visita áqueles territórios. Aquele jornalista que deve ser verdadeiro, dirá aos ouvintes da BBC, o que viu de bom e de mau naquele Mundo que os Portugueses criaram; onde estão e ficarão, em cima, ou debaixo da terra. Isto doa a quem doer!

Novo Governador Civil

Continuação da 1.ª página

Na tarde de 20 do corrente, no salão nobre do governo civil e perante numerosa assistência, assumiu as suas elevadas funções.

No acto usaram da palavra os srs. Dr. Manuel da Fonseca, secretário do Governo Civil, Dr. Manuel Elias Trigo Pereira, em nome das Câmaras do Algarve, deputado Coronel Manuel de Sousa Rosal Junior, em nome dos deputados da província, o Governador Civil cessante sr. Dr. António Baptista Coelho e a finalizar o empossado que agradeceu os cumprimentos que lhe foram dirigidos, afirmando que quer ser o Governador Civil do Algarve e não apenas de Faro.

No final o sr. Dr. Romão Duarte recebeu cumprimentos de pessoas de todos os pontos da província que ali se deslocaram prepositadamente para assistir.

Renovamos ao nosso Chefe do Distrito, os nossos votos de prosperidade no desempenho das suas altas funções e bem assim a oferta da nossa leal colaboração a bem do Algarve e da causa nacionalista porque há mais de trinta anos vimos lutando.

Horário dos Comboios Zona Centro

Comunica-nos a C.P. que, a partir de 20 de Agosto são feitas diversas alterações ao horário em vigor. O pormenor destas alterações consta dos novos cartazes-horários de várias linhas e ramais da Zona Centro, os quais já se encontram afixados nas estações para consulta do público.

ARRENDAMENTO

Horta do Roxo, sita na Atalaia.

Tratar com Joaquim Eduardo Rocha Dinis, na Câmara Municipal de Tavira.

HORTAS

Arrendam-se ou vendem-se, no sítio de Amaro Gonçalves. Tratar com Maria Alice Sousa Rodrigues, Rua Dr. Miguel Bombarda, 58 — Tavira.

Ninguém Esquecerá

Continuação da 1.ª página

Neste modo de dizer, tão simples e expressivo, o venerando Chefe do Estado desejou homenagear o patriotismo de que deram sobejas provas todos aqueles que, desde os próprios momentos angustiosos do terrorismo, fizeram o sacrifício de tudo — até da vida — para defenderem Angola das ondas de barbarismo e crueldade que ensanguentaram essa nossa querida província ultramarina.

Homenageou também os sentimentos que nos prendem à ideia maior de Pátria e a devoção com que a serviram e servem, corajosamente, inteiramente, os valentes civis e os bravos militares que naquelas horas inquietantes e nas que se seguiram saubaram da lição magnífica de português ardente, confiante e combativo.

E homenageou, num preito de justiça e de sinceridade, essa enorme figura de estadista e de inspirado governante português, esse Homem «que viu o problema melhor do que qualquer outro», o genial político e sábio condutor da Nação — a prodigiosa personalidade de Salazar.

Um homem salvou Angola numa época difícil. Esse homem é o Chefe do Governo e nenhuma voz poderia prestar-lhe melhores homenagens de apreço e gratidão do que a voz autorizada do Chefe de Estado.

Todos nós estamos bem lembrados do que foram essas horas martirizantes que Angola passou quando se desenlaçou, soprado de fora, o incêndio em que se sepultaram fazendas e vidas.

E não poderemos esquecer que foi Salazar quem quebrou as pedras do caminho e rasgou as cortinas do pânico e de dúvida. Ele deu a palavra de ordem. Ouvia-se em todo o lado a sua voz enérgica e decidida: agir sem demora e em força.

As almas, que isto escutam, encheram-se de confiança e de fé. Uma verdadeira força nacional se organizou com urgência, pronta para todas as lutas e capaz de enfrentar todos os perigos.

Angola regressou à certeza do seu destino. A metrópole teve a consciência de que não se perderia a unidade de uma soberania política e social que longamente se prestigiou em capitulos sucessivos de História e avivou as certezas da continuada integridade do território nacional.

E agora que o Almirante Américo Tomaz recordou, com profunda emoção, aquelas horas sombrias em que os selvagens tingiram de sangue a terra abençoada de Angola e os actos de heroísmo que em defesa dessa mesma terra se praticaram, impõe-se nos meditar — e não só lembrar — nesses momentos de dúvida e ansiedade, para fazermos humildemente uma oração pela alma gentil de todos os que tombaram para sempre por amor de Portugal.

Meditando, prestamos exaltação a Salazar — que ele foi o guia, o comando seguro, a voz sem hesitação.

Enganaram-se muitos, que no mundo pensaram não poder prevalecer contra a onda criminosa do terrorismo manobrado do estrangeiro a resistência defensiva dos portugueses. Enganaram-se totalmente. Os factos — e o tempo é mestre da vida — aí estão para o comprovar na sua medida e na sua grandeza.

Salazar teve em todos os portugueses elementos de acção que o completaram. À volta da Pátria todos se ajoelharam jurando defendê-la de perigos e afrontas.

Seja para diante como nesse

tempo foi. A lição dessa hora grve, que passou, ficará para sempre, a reforçar o nosso ânimo e a encorajar a nossa decisão.

Essa lição, que teve heroísmo e dignidade, a ninguém esquecerá

Marino de Carvalho

Tavira a mais bela

Continuação da 2.ª página

do nosso mais sentido amor? Quem não se debruçar sobre a cidade e das ameias não namorar Tavira, não sabe como é maravilhosa e bela, não sabe que características a tornam diferente das outras cidades.

Olhando-a dos mirantes acastelados, interrogando-a, sentindo-a no sangue com o nosso querer, acariciando o seu casario com o nosso olhar e refrescando a nossa mente na vegetação que se entrelaça e serpenteia por entre as moradias da cidade, aliviando assim a paisagem, pois tudo fica ajardinado e colocado a propósito.

O panorama é bucólico e ribeirinho, magestoso até!

Há cidades ou aldeias que também são belas mas diferentes, pois num amontuado surgem, as casas, apertadas todas, umas de encontro às outras como se fossem despejadas numa colina por um imenso balde cheio de casas e tudo ali tivesse ficado quase em monte.

A nossa cidade é uma cidade aberta, airosa, diferente, assim como um mostruário de jóias, relicário de belezas saltadas num primoroso conjunto.

Tavira tem um rio que a divide ao meio. Outras cidades também têm rio; mas este de Tavira, é diferente; é um rio íntimo que convive connosco, fala-nos das marés, um rio nosso amigo que vaza, enche e reflecte as pálidas luzes na sua água, as casas, os barcos, as estrelas e as nuvens do céu.

Tavira enfeitada de grinaldas tecidas de luz, irão adornar o lindo jardim que existe no coração da cidade; em festa ele veste o seu mais belo manto de princesa das mil e uma luzes, nos tons cra garridos, ora suaves, para acenar aos que estão lá longe, convidando-os a virem admirá-la, tornar-se mais linda e mostrar aos que a visitam pela primeira vez como é majestosa e simples e como a enfeitam bem, porque muito lhe querem.

O rio, meigo e silencioso agora, lá estará esperando a hora mágica para nas suas águas graxar a imagem fascinante da fada menina, fazer reflectir nesse polido espelho, a grandiosa visão da festa de Tavira.

Se eu pudesse, Tavira, se eu pudesse para ti sonhar uma realidade boa, exalaria de ti o perfume duma flor magnífica!

E para que os turistas te achassem mais linda ainda, encheria de grinaldas de roseira as margens do teu rio. Seriam rosas de tocar, brancas e vermelhas envolvendo as grades que resguardam a tua ponte, flores que gritariam a todo o transeunte um poema de beleza, e, debruçadas no teu rio, quando os barcos circulassem e os navegantes olhassem para cima, as rosinhas lhe acenassem um adeus e uma bênção carinhosamente perfumada.

Nesta risonha alvorada, todos os que trabalharam para o bom êxito e feliz resultado da festa, estarão de parabéns; todos lhe deram o melhor do seu coração, todos, mas todos foram incansáveis e, por isso, não estarão cansados de alindar a sua terra natal, a sua jóia preciosa e, de mostrar a todo o mundo o seu maravilhoso esplendor.

ESTÁ
NA
SUA
MÃO...

...fazer a
barba da melhor
maneira e
ganhar uma viagem
a Tóquio para
assistir aos Jogos
Olimpícos



A PHILISHAVE

é a Solução para
barbear e para viajar

INFORME-SE SOBRE ESTE CONCURSO NOS
AGENTES OFICIAIS E REVENDEDORES PHILIPS

TROCAS FACILIDADES DE PAGAMENTO

CUNHA & DIAS, L. DA

RUA DA LIBERDADE, 2 - TAVIRA

VENDA DE CORTIÇA

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses aceita propostas até às 16 horas do dia 9 de Setembro de 1964, para a compra da cortiça extraída dos seus sobrelhos, no corrente ano, a qual se encontra depositada nas seguintes estações, num total de cerca de 5 500 arrobas:

| | |
|------------------------|-------------|
| Pinhal Novo | 500 arrobas |
| Palmela | 1 800 » |
| Poçoirão | 600 » |
| Pegões | 800 » |
| Vendas Novas | 1 800 » |

As condições de venda encontram-se patentes naquelas estações e na Divisão da Via e Obras — Exploração Agrícola — em Santa Apolónia, onde será prestada qualquer informação.

Arrendam-se

Três courelas em Cacela no sítio da Torre dos Frades, Cevadeiras e Quinta do Manuel Alves.

Resposta a Maria Isabel Reis — Praia da Rocha.

ARRENDAM-SE

Duas courelas de regadio, com água abundante em duas noras, com casas de habitação e ramada para gado, no sítio de S. Pedro.

Quem pretender dirija-se a Florentino Bacalhau, no sítio da Varanda, Santiago — Tavira.

Arrendam-se ou dá-se de Meias

Uma horta e sequeiro no sítio do Arroio, com diverso arvoredo casas de habitação e várias dependências.

Tratar com João do Nascimento Brás — sítio do Arroio.

CASEIRO

Para pequena propriedade na Assoca.

Tratar com Patrocínio José Victor, no mesmo sítio.

TRICANA

CARPETES • TAPETES • PASSADEIRAS • ALCATIFAS

TAPEÇARIA REGIONAL DE COIMBRA, LDA
AV. PRAIA DA VITÓRIA, 48-A (ao Monumental)
LISBOA-1

ENCOMENDAS AO GOSTO DO CLIENTE
SERVIÇOS DE LIMPEZA E RESTAURO
TELEFONES 73 63 14 - 5 15 25 - LISBOA

LARANJA

Vende-se a presente novidade da
Quinta da Fonte Santa na Luz de Tavira.

Recebem-se propostas na propriedade.

6.º e 7.º ANOS

EM TODAS AS ALÍNEAS
COM PRÁTICAS E AUDIO-VISUAIS

Admissão à Escola Normal

no

Externato Dr. João Lúcio

TELEFONE 140

OLHÃO

Notícias Pessoais

Fazem anos:

Hoje — D. Maria Cândida Pires, D. Cremilde do Rosário Pinto de Oliveira, D. Maria de Lourdes de Brito Gago, Mlle Maria Lionilde Ilário Vicente, Maria Helena Menau e o sr. António José.

Em 24 — D. Maria do Carmo Ribeiro Vitor, Mlle Maria da Conceição de Azevedo Pereira, menino José Eduardo Reis Pereira, srs. Sebastião do Livramento Páscoa e José da Cruz Bento.

Em 25 — D. Ana Maria Dias Ferreira D. Maria Adelina Alexandre Lopes, D. Isabel do Livramento Menau Marques, Mlle Maria do Carmo Peres Revez e o sr. Dr. Vivaldo Eurico Modesto da Rosa.

Em 26 — D. Carlota Gonçalves Lopes, D. Maria Dulce da Silva Martins, menino António Maria Correia e Correia, srs. Manuel Fernandes Paraiso e Manuel Vitor Viegas Matos.

Em 27 — D. Judite Rocha Centeno, D. Maria Emilia de Moura Guerreiro Vaz, menino Diamantino Manuel Rodrigues Cardoso e o sr. Eng.º Luis Maria de Melo e Sabo.

Em 28 — D. Maria Eduarda da Silva Fernandes Correia Celorico, D. Diolinda Minhalsa e o sr. Emanuel Domingos de Oliveira.

Em 29 — D. Maria José da Fonseca Matos Cardoso e menina Maria da Conceição Martins Sola.

Partidas e Chegadas

No gozo de licença encontra-se nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Major José Castro Sousa, distinto oficial em serviço da nossa soberania na província de Moçambique.

Com sua esposa encontra-se passando as férias na sua vivenda Sol Nascente, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Dr. Vasco Martins.

Em serviço de defesa da nossa soberania seguiu para Luanda, o nosso conterrâneo sr. José Pereira Dias, sub-chefe da Polícia de Segurança Pública, naquela cidade.

Com sua esposa e filha encontra-se veraneando na praia de Manta Rota, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Engenheiro José Joaquim Rodrigues Junior, residente em Lisboa.

No gozo de férias encontra-se nesta cidade, o nosso conterrâneo sr. Dr. Rui de Amorim Ribeiro, professor do Liceu de Luanda.

Automóvel

Vende-se Consul série 22, em bom estado.

Trata António Marques Trindade.

Agradecimento

A família de Joaquim Domingos impossibilitada de poder fazê-lo pessoalmente, vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que acompanharam à sua última morada, seu saudoso esposo, pai e sogro, e a todos que directa ou indirectamente lhe manifestaram o seu pesar,

Existe ou existiu muitos anos na sacristia da igreja de Santa Maria uma pequena tela de valor bastante medíocre, como pintura, mas que pode ter um relativo interesse iconográfico e chegar a verificar-se que está longe de ser quadro para andar mal recatado, sujeito a apanhar a luz directa do sol, a deixar-se comer pela humidade ou levemente sofrer limpezas que o possam danificar.

Trata-se duma Virgem representada como aparecendo a um par de jovens que assistem de joelhos, não lhe ligando muito interesse e antes parecendo preferir que os admirem.

O ambiente não tem «ar». As tintas, já sem frescura, mostram que sempre sofreram de certo empastamento, coisa bastante de censurar na antiga pintura. Em vez duma radiosa figura cercada de luz celeste, como a do retábulo da p. baptismal da mesma igreja. Nossa Senhora apresenta-se vagamente diluída na elipse franjada de luz, semelhante à que circunda a aparição da Senhora das Graças, na rua Du Bac, de Paris.

Que um par se retratou e doou à igreja aquele quadro parece verosímil. Mas quem era esse par? Em que época viveu? A moda dos «doadores» durou séculos.

Para conhecermos a época, nada como atentar nos trajés e penteados e, aqui, o curso dos nossos estudos encontra o primeiro obstáculo. Se se trata dum personagem da corte podemos imediatamente colocar as figuras no tempo em que a moda dos penteados e vestes durou. Se, porém, admitirmos a hipótese de endossar a presunção a fidalgoes de província, bem sabido é que as modas levavam anos a chegar aos recantos então considerados distantes, pela demora na divulgação dos usos.

Ficamos pois em balanço: séc. XVII ou XVIII?

O penteado põe-nos no séc. XVIII e parece-nos que os próprios trajés se inclinam para este século, já no fim, embora poucas casacas aparecessem então assim garridas.

Da proveniência da tela falar-nos-ia decerto o inventário que nunca existiu ou que, por inútil, se botou fora.

Algum dos benfeitores da igreja que lhe construíram capelas ou levantaram altares? Onde poderíamos haver às mãos elementos comprovativos?

De igrejas desbaratadas e bens, recolhidos a outras? Nadamos num oceano de hipóteses.

Mas há um par, ou por outra há um rosto, não muito, mas algo semelhante àquele repazote gorducho e corado que tão desassombadamente sabe olhar.

Um olhar que sabe olhar mesmo através da lábia de embelezamento que o artista ofertou e talvez, tem não longe outros trabalhos que por qui por vêm surgem.

Será aquele olhar do Príncipe do Brasil quando, muito jovem ainda, se casou (de pé no meio alqueire) com a filha do Conde de Cavaleiros que mandou para o convento das Bernardas da Atalaia quando aos 18 anos se casou com a filha de Carlos IV de Espanha, mais nova do que ele oito anos?

Um retrato da dama que para alguns existisse responderia a esta interrogação.

Atribuir ao fidalgo representado semelhante com D. João V que tanto beneficiou Tavira e lhe teria doado aquele piedoso retrato, é levar muito longe a falta do artista como retratista e antecipar um penteado que aquele rei nunca usou.

Por outro lado, para retratista de pessoas reais, parece que assistiam ao pintor dotes insuficientes e pobrinho também parece aquele pedaço de

tela, em tempo de tanto luxo e requinte, a não ser que... às vezes fazem aos pintores cada pedido! — a não ser que, a jovem filalga tivesse encomendado a artista tavirense o seu retrato ao lado do príncipe de quem apenas possuísse alguma preciosa miniatura, como era uso no tempo.

Para semelhante hipótese, teremos que recorrer aos quadros das igrejas que parecerem coevos, examinar o modo de sobrear e todo o processo técnico de cada quadro, retábulo ou bandeira e, depois de aturado estudo, chegar a uma conclusão, demasiado obscura e hipotética, por quanto só a iconografia da dama nos poderia dar uma certeza, ainda no caso de todo o resto não desmerecer.

Iconografia e arte são factores diferentes que podem dar merecimento a um quadro.

O mais necessário no meio disto é que o quadro se conserve a bom recato, pode às vezes um pequeno pormenor vir desvendar grandes coisas.

Nunca se teria perdido a identidade de semelhante objecto se os serviços cadastrais se fizessem com certa precisão e responsabilidade. Andam os tarcos (às vezes de grande valor) de repartição para repartição e as coisas sacras de casa de Santa Justa para para o palácio de S. Coeofate hoje por empréstimo, amanhã por oferta, noutro dia por mais sensata arrumação e, como consequência, extraviam-se.

Os livros são a montes, a papelada às carradas, a burocracia, o polvo que aperta o mundo nos seus tentáculos e só não há um mapa, um registo, uma ficha que forneça a identidade de objectos de interesse cultural e sagrado. São coisas...

OS RANCHOS FOLCLÓRICOS DO ALGARVE NÃO SERÃO DIGNOS DE APOIO?

Nós que sempre temos acompanhado com muito interesse o progresso artístico dos diversos ranchos folclóricos algarvios, alguns deles de reconhecido valor, confrange-nos ver as dificuldades com que alguns deles lutam para a sua manutenção.

Estamos fartos de ver notícias nos jornais sobre a deslocação de vários ranchos folclóricos nacionais ao estrangeiro mas não são algarvios.

Ainda há dias o S.N.I. patrocinou a deslocação dos ranchos folclóricos do Ribatejo numa digressão pela Europa, visitando a França, a Bélgica, a Holanda, etc.

E os do Algarve? Não serão dignos de merecer igual apoio?

Razão tinham os turistas franceses que, conforme noticiámos no nosso último número, se admiraram ao apreciar o Rancho Folclórico da Casa do Povo da Conceição de Tavira, que este ainda não tivesse saído do País.

Foram afinal os estrangeiros que descobriram turisticamente o Algarve e ainda serão eles que hão-de patrocinar o progresso dos ranchos folclóricos algarvios, o que afinal não nos parece certo.

A falta de carinho por certas instituições de cultura folclórica, representa um prejuízo turístico para o Algarve.

Bolsas de Estudo em Universidades Norte-Americanas

Encontra-se presentemente aberta a inscrição para bolsas de estudo em universidades norte-americanas para o ano lectivo de 1965-66 para todos os campos de ensino superior, com excepção da medicina. Os candidatos devem ter até 35 anos de idade, bom domínio de inglês, e ter completado, com boas classificações, um curso superior ou encontrar-se num dos dois últimos anos. Para Portugal Continental e Ilhas, a data do fecho da inscrição é no dia 19 de Outubro de 1964, sendo as inscrições feitas nos Serviços Culturais da Embaixada da América, Av. Duque de Loulé, 39, em Lisboa. Informações podem também ser pedidas à Comissão Cultural Luso-Americana, Av. Elias Garcia, 59 5, Lisboa e ao Consulado Americano, Rua Sá da Bandeira, 605-1.º Esq. no Porto.

Para as Províncias Ultramarinas, a inscrição fecha no dia 15 de Setembro de 1964 e é feita nos Consulados Americanos em Luanda e Lourenço Marques.

IMPrensa REGIONAL

Pobre «Imprensa Regional» que tão mal compreendida é, principalmente por aqueles que mais a deviam compreender e ajudar. A missão da «Imprensa Regional» é clara: defender os interesses da região. Para isso tem que ser combativa. Esperam-se dela alvitres e soluções; exige-se-lhe a condenação do que está mal e o louvor do que está bem. Parece fácil, mas não é. O interesse colectivo, é muitas vezes oposto ao interesse particular. Ao defender o colectivo, descontenta o particular. Se genêricamente se condena o que está mal, há sempre quem se sinta ofendido, quando a intenção, única, era corrigir — e não castigar. Até quando se louva, há quem não goste; ou porque acha o louvor imerecido ou exagerado, ou simplesmente porque o louvor não era a ele, o «descontente».

Depois vem o resto, a vingança: corte de assinatura do jornal, corte de publicidade e, às vezes até, corte de trabalho tipográfico, no caso, vulgar, de o jornal ser propriedade de uma tipografia.

É difícil cumprir a missão da «Imprensa Regional».

Do («Jornal de Elvas»)

JOGOS FLORAIS DA PRAIA DE QUARTEIRA

Vão realizar-se os Jogos Florais da Praia de Quarteira de 1964 na noite de 27 de Agosto.

Podem concorrer poetas de qualquer nacionalidade. As produções devem, porém, ser escritas na língua portuguesa e enviadas à «Junta de Turismo da Praia de Quarteira» até à meia-noite do dia 24 de Agosto.

Os concorrentes podem enviar qualquer número de produções, mas inscritas com pseudónimos ou dividas diferentes e em envelopes separados que devem conter outro envelope, dentro do qual estará o nome, com a respectiva morada do concorrente: este envelope convenientemente fechado, terá exteriormente apenas a divisa ou pseudónimo.

São admitidas as modalidades: poesia lírica: soneto; quadra popular e poesia obrigada a mote.

A mote a glosar é a seguinte quadra:

Os teus olhos são tão lindos, Assim verdes, cor do mar! São tão lindos... mas tão falsos... Tão amigos de enganar!...

F. S. I.

Na «Grande Festa dos Jogos Florais da Praia de Quarteira, de 1964» que terá lugar na noite de 27 de Agosto, serão proclamados os vencedores nos diversos géneros, e lidas, pelos respectivos autores ou pelos leitores oficiais, as produções premiadas.

Além das mensões honrosas haverá prémios pecuniários para os primeiros, segundos e terceiros classificados nas quatro modalidades admitidas.

A Feira e as Festas na Luz de Tavira

Realiza-se nos próximos dias 4 e 5 de Setembro, a tradicional e já importante Feira da Luz. A Junta de Freguesia fez um apelo aos proprietários da localidade para exporem os seus gados, que tantos prémios têm alcançado em concursos pecuniários, para maior brilhantismo da sua feira anual. Aproveitando essa oportunidade realizam-se naqueles dias também as já tradicionais festas da Luz que se prolongarão até ao dia 6, data em que se efectuará a pomposa procissão em honra da sua padroeira.

Para os nossos pobres

Do nosso conterrâneo e grande amigo de Tavira sr. João Cataldo, residente na vila do Montijo, recebemos a quantia de 20\$00, para os nossos pobres. Em nome dos contemplados, agradecemos.

Subscrição para as obras de restauro da Igreja de Santo António

Transporte 2.184\$50
Joaquim Cataldo - Montijo 20\$00

FÁTIMA

A Minha Mulher

Sim Fátima, tu és pra mim o Eliseu!... Adeja em teu redor não sei que misticismo, Não sei que sedução, não sei que magnetismo! Só sei, que ao pé de ti, me sinto um pigmeu.

Quando estou a teu lado, abro o pensamento, A mórbidos anseios ocultos dentro em mim... Eles são como as flores e só no teu jardim, Ubérrimo de fé, vicejam num momento.

Quando ao chegar, pisando o teu sagrado chão, Eu sinto na minh'alma estranha sensação, Tão estranha, tão diferente d'outras sensações!...

Ao afastar-me, então, nasce a incerteza, Que se transforma aos poucos em tristeza, De não voltar a ter tais reacções.

Em peregrinação, Agosto de 1964

António Amaro

A VERDADE E O MITO

NESTA tarde baça dum Agosto marçagão em que se bebe a luz na malga do céu nevoento, nem se sabe bem por que trilhos enredados levar o espírito numa digressão que interesse ao Leitor que irá no reboque do escriba, por certo, um tanto desencantado, como criatura a quem se meteu na cabeça viajar a cavalo nas páginas dum album de postais ilustrados.

Assim como admirando fotografias, a viagem sai frustrada, pois falta o acontecimento, a circunstância, o ar, as peripecias e surpresas, assim atrás desta via no deserto o paciente Leitor acabará oscitante e entorpecido.

Não interessa repisar verdades sabidas. Nas que jazem escondidas por trás dos biombos das conveniências não é bom bulir, e, em questões de invenção, nem o escriba abunda, nem gostaria de acrescentar mais mitos aos que já dão água pela barba à humanidade que durante séculos e séculos tem tido o horizonte da verdade escondido pela montanha das convenções que os mitos ergueram e aumentam dia a dia.

Os maus encontram, no caminho, a verdade nua e crua, como batata descascada que querem obrigar os bons a engolir.

Os bons, esses, sabem cobrir de flores todas as vias dolorosas e fazer delas jardins floridos... aos olhos dos que passaram depois.

Está precisamente a lembrar aquelas boas referências que certa mulher do povo dava acerca da lambisgozinha duma filha, inculcando à senhora freira que tomasse a moça a seu serviço.

Juntava as pontas dos dedos e levava-as à boca que franzia em sorvo:

— E' uma jóia, a minha filha. Tudo sabe fazer, de tudo se encarrega e a senhora freira verá que bem servida vai ficar com ela. Não pode escolher criada com mais qualidades nem mais propensão para agradar e quando eu cá vier sei muito bem que a há-de gabar, de certeza. Só tem três falhinhas muito pequeninas, e quase que nem merece a pena falar nelas, mas sempre lhe quero dizer porque é bom prevenir: E' muichissimo ladra, muichissimo porca e muichissimo gulosa. De resto, uma jóia, sem tirar nem pôr.

Pois nesta tarde de Agosto que parece Março, a vida afigura-se como a criada da freira:

— Uma jóia, se não houvesse tanto fingimento, tanta luta,

tão efémeras alegrias e bens, se metade da humanidade não tivesse nascido para engolir e a outra metade para ser engolida.

Mas como tristezas não pagam dividas e nem a Imprensa nem homem algum conseguirá melhorar o mundo, deite-mos para o lado considerações trágicas e aproveitemos estas tardes claras que o bom Agosto oferece, cada um consumindo-as a seu bel-prazer: junto ao mar, à sombra das árvores mansas e úteis, no beiral do ninho ou em inocente convivência com os que, fora de convenções, são mesmo deveras, nossos semelhantes.

A menina pálida ou a senhora sensata, lendo à janela as mavisas «Tristesas à beira mar», o pai de família engolido as colunas do jornal de ponta a ponta, sumiram-se.

Já não há livros. Se a leitura é de fraseado vem logo o delicado comentário: — E' chato!

Se o tema insere bondades sentimentais, é lamecha; se abunda em teorias: — Vá pró diabo!

E assim a literatura pode cifrar-se no que já Filóstrato informava, segundo conta Skakspeare:

— Uma peça que contém uma dezena de palavras e onde dez estão a mais.

Deve ser isso. Em literatura, nem já o folhetinesco. Agora, só a anedota.

Pelo mesmo, em música, só aguentamos a canção, cançoneira é o nome próprio.

Já agora, ficaremos com o selo como expoente de desenho e cor e a rampa como arquitectura.

E com tanta simplicidade, o que a gente não chega a compreender é como cada vez tudo se complica mais e não é a vida uma tépida tarde de manso Agosto, como aquela em que a serpente, vendo Eva ociosa e abstracta, a convidou familiarmente a comer maçãs, como hoje a convidaria para um refresco.

UMA CAMPA

para LUÍS SEBASTIÃO PERES

Transporte 490\$00
D. Maria da Conceição Forra - Lisboa 20\$00
João Antonio - Conceição 50\$00
Casa Brasil 20\$00
Soma 580\$00

POMARES

Arrendam-se os pomares da fazenda Nova e de S. Domingos, no sítio da Assêca.

Trata António Marques Trindade — Tavira.